

## Crisálidas

Ficção | Ana Ferreira | Em Desmanche



### Exercício I

A fotografia é a preto e branco, tirada à luz do dia.

Uma pessoa segura no colo um bebé. Outra pessoa ao lado.

As pessoas estão sentadas num banco, num terraço sobranceiro a um rio.

Ao fundo, um triciclo encostado no canto inferior direito da fotografia.

Do lado oposto ao triciclo, uma criança observa, acorçada, uma galinha a comer milho.

Todos vestem várias peças de roupa grossa.

Será inverno.

### Exercício II

É uma fotografia pequenina, a preto e branco, de bordos denteados à moda antiga.

Foi tirada num terraço. No verso, uma data: 1953.

Percebo que a casa do terraço fica no alto de um monte pela vista de socalcos cultivados aos retalhos que descem até à margem de um rio.

Vejo um casal sentado num banco corrido de madeira pesada com marcas de uso.

A mulher aperta ao peito um bebé pequenino, o homem envolve os ombros da mulher num gesto protetor.

Pela forma severa como estão vestidos aparentam ter uns quarenta anos mas se atentarmos na lisura inocente dos seus rostos, vemos que são jovens, muito jovens, quase adolescentes.

Atrás do casal sentado, vejo um rapazito de cabelo escuro, acorçado e descalço a conversar com uma galinha, alheio ao triciclo de pau encostado ao sossego branco da parede.

### Exercício III - Conto

Naquela altura eu trabalhava num café padaria onde o lucro maior vinha dos pequenos almoços que servíamos das 7 às 10. Tínhamos clientes ocasionais, que vinham quebrar o jejum depois de saírem do laboratório de análises que havia mesmo ao lado. Tínhamos também os clientes habituais, de horários certos e gostos costumeiros.

O Sr Joaquim, logo às 7h

- meia de leite e um papo seco,

a D. Alice , meia de leite e pão com manteiga

- menina, mais um pacote de açúcar, gosto de açúcar na manteiga, já experimentou? olhe que é bem bom!

Mas de todos, quem me encantava era a Gabriela, mulher bonita, elegante, alta, de ar seguro, corajoso, cheia de força.

- Chá preto e a torrada bijou, por favor, Ana Luísa.

Chegava cedo e ficava sempre um pouco numa conversa ligeira da mesa para o balcão, as mãos compridas a esvoaçar emoções.

Eu tinha dezasseis anos desajeitados e quando fosse grande, queria ser a Gabriela.

Foi ela que, numa véspera de feriado, me mostrou a fotografia pequenina.

- Vem cá, Ana Luísa, senta-te aqui. Hoje estou triste, faz 3 anos que perdi a minha avó. minha confidente, maior amiga.

Tirou um maço de fotografias da carteira.

Abriu-as como quem abre um baralho de cartas e escolheu uma, uma velhinha enrugada com um enorme sorriso já sem dentes.

- A vó Gabriela - disse com os olhos cheios de mar.

Devagarinho, puxou outra fotografia do baralho: um casal sentado num banco corrido de madeira com um bebé ao colo.

- O meu pai, minha mãe, a minha irmã. O menino ao fundo, a conversar com a galinha, sou eu, no tempo em que me chamavam de Gabriel.

Afaguei de leve o rosto do rapazito da fotografia.

E nos meus dezasseis anos desajeitados, a Gabriela foi o meu primeiro amor.